

ROTINA DE CADA DOMINGO: UMA PERSPECTIVA SOBRE A OBRIGATORIEDADE DO CULTO¹

ROUTINE EVERY SUNDAY: A PERSPECTIVE ON THE OBLIGATION OF WORSHIP

Josemar Valdir Modes²

RESUMO

O culto é o centro das atenções do cristianismo e se constitui como principal elemento por meio do qual a igreja expressa a sua adoração a Deus. Não há dúvidas de que Deus se agrada do culto, mas, dependendo da forma como ele é organizado e realizado, pode-se afirmar com todas as letras e baseado no texto de Malaquias 1.6-14 que Deus prefere a ausência de culto a um culto mal prestado.

Palavras-chaves: Culto. Sacrifícios. Deus.

ABSTRACT

Worship is the center of attention of Christianity and is the main element by which the Church expresses its adoration. There is no doubt that God delights in worship. However, depending on how it is organized and conducted, it should be

¹ O trabalho é uma exegese do texto de Malaquias 1.6-14.

² O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Possui especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e mestrado (livre) na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É mestrando em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Trabalha como pastor na Igreja Batista Emanuel (Panambi/RS) e como professor e auxiliar de coordenação acadêmica na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

affirmed in its totality based on the text of Malachi 1.6-14; that is, God prefers the absence of worship to one poorly offered.

Keywords: Worship. Worship service. Sacrifices. God.

INTRODUÇÃO

Semanalmente as igrejas vivem sua rotina de cultos, uma prática constante e inalterada - faça chuva ou faça sol. A constante repetição deste “ritual” deveria levar a um constante aperfeiçoamento daquilo que é apresentado a Deus pois, convenhamos, ao longo de todo o cristianismo esta é uma prática constante e ininterrupta.

Mas a realidade não corresponde com a direção na qual a teoria aponta em muitas igrejas cristãs: parece haver um “desgaste” do próprio termo “culto”, que é visto por muitos como sendo enfadonho, sem vida e sem um propósito definido. Há cristãos que até preferem realizar seus cultos domésticos como substitutos dos cultos públicos. De certa forma isso parece ser uma contradição, uma vez que se a pessoa não consegue cultuar em público provavelmente não conseguirá cultuar de forma particular.

Observando as devidas proporções negativas apresentadas, surge o questionamento: *Não seria melhor parar de cultuar do que prestar um culto pela metade?* No texto de Malaquias 1.6-14 percebe-se também um desgaste no culto prestado e uma veemente proibição da continuação do mesmo. Suas características serão analisadas bem como a extensão da proibição para a realidade das igrejas da atualidade.

Uma premissa que não pode ser esquecida é de que o trabalho se baseia na visão de que o culto é para Deus e não para as pessoas. Se é para Ele, os padrões e exigências são dEle e não segundo as vontades humanas. Sendo Deus o doador da vida e dos dons, sem sombra de dúvida sabe e percebe quando o culto está aquém das capacidades distribuídas.

1. DELIMITAÇÃO

1.1 Início do texto

A perícopa tem início no versículo 6 devido a alguns fatores: a) a profecia é voltada a um grupo específico (sacerdotes), enquanto que os versículos anteriores falavam da nação inteira; b) os argumentos também são diferentes. Antes a profecia enaltecia o amor de Deus por Israel, mas, a partir do verso 6, passa a destacar as falhas cometidas pelos sacerdotes;³ c) os versículos 1 a 5 servem como uma introdução ao assunto que

³ WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento: proféticos*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2009. V. 4, p. 593.

será desenvolvido. É como se Deus destacasse a importância que Israel tem para Ele para daí dizer: mas vocês não estão dando o devido valor à importância que dou a vocês e d) as perguntas retóricas feitas por Deus por meio do profeta refletem uma mudança de assunto.

1.2 Término do texto

A perícope termina apenas no capítulo 2 versículo 9, onde o profeta volta a sua atenção para a nação como um todo. Como o foco do trabalho está em ver as atitudes de quem presta o culto e a reprovação de Deus para com esta atitude, o estudo se estenderá apenas até o versículo 14, porque a partir do capítulo 2 Deus passa a declarar o que os sacerdotes e o povo irão sofrer devido às faltas cometidas.⁴ Entende-se que as consequências precisam ser estudadas junto com as ações que as originaram. Já as falhas podem ser estudadas separadamente. Por isso irá se estudar somente os versículos 6 a 14, pois o objetivo é descobrir o porquê da indignação de Deus para com os sacerdotes.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 Autor

Malaquias foi um profeta e o autor do último livro do Velho Testamento. Viveu entre 500-460 a.C. Seu nome significa “meu anjo” ou “meu mensageiro” e aparece dessa forma em Malaquias 3.1 e outras passagens. Fora do livro que leva seu nome, nada mais consta sobre ele na Bíblia. No livro apócrifo de 2 Esdras 1.40 (um antigo manuscrito não incluído na Bíblia) ele é identificado como “Malaquias, que é também chamado Mensageiro do Senhor”.⁵ A tradição rabínica sugere que Malaquias pode ter sido um outro nome de Esdras, o escriba, embora não existam evidências que comprovem isso. Calvino também associou o profeta a Esdras.⁶

Malaquias, o nome que aparece na introdução deste breve escrito, deriva do termo hebraico *malachi*, que significa “o meu mensageiro”. E, uma vez que um profeta é propriamente um mensageiro de Deus, “Malaquias” pode ser entendido não só como nome próprio, mas também como título daquele a quem Deus confia um ministério profético.

⁴ BALDWIN, Joyce G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1972, p. 194.

⁵ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 417-418.

⁶ BALDWIN, 1972, p. 179.

2.2 Data do livro

Aproximadamente 430 a.C. O surgimento deste texto deve ter acontecido depois que foram retomadas regularmente as cerimônias do culto (1.6 - 2.9) no templo de Jerusalém, após a sua reconstrução (cf. 3.10) no ano 516 a.C. É provável que Malaquias tenha exercido as suas funções em fins do séc. VI ou no começo do V a.C., durante um período intermediário entre a atividade de Ageu e Zacarias (segunda metade do séc. VI a.C.) e de Esdras e Neemias, cerca de um século depois.⁷ Também pode-se pensar que a pregação de Malaquias abriu o caminho para as reformas realizadas por Neemias.⁸

Alguns argumentos a favor desta visão estão presentes no próprio livro. Malaquias fala sobre a destruição do império Edomita, de sacrifícios impuros, do sacerdócio corrupto e de casamentos mistos com pagãos. Ele utilizou também termos persas, tais como *pehah* (governador). A linguagem e o enfoque do livro são semelhantes aos de Neemias. Por esse motivo, a maioria dos eruditos datam Malaquias da primeira metade do século V a.C., depois da volta dos judeus do exílio a Jerusalém e da reconstrução.⁹

2.3 Cenário

Malaquias, Ageu e Zacarias foram profetas pós-exílicos voltados para o povo de Judá (o reino do Sul). Ageu e Zacarias repreenderam o povo por terem falhado em reconstruir o Templo. Malaquias confrontou-os com a sua negligência com o Templo e sua falsa e profana adoração.

Cerca de 100 anos haviam se passado desde o retorno dos judeus à Palestina. A cidade de Jerusalém e o segundo templo haviam sido construídos, mas o entusiasmo inicial desaparecera. O povo e os sacerdotes haviam se desviado e transformado sua obediência à Lei em algo mecânico e rotineiro. Embora relapsos em sua adoração e negligentes quanto ao seu dízimo, não conseguiam entender por que Deus estava insatisfeito com eles.¹⁰

Ao mesmo tempo, viviam em um período de espera. Parecia que nada estava acontecendo e que Deus havia se esquecido de seu povo. O templo estava reconstruído, mas nada de extraordinário havia acontecido para indicar que a presença de Deus tinha voltado para preenchê-lo. O tempo dos milagres havia passado. Estes fatores

⁷ BALDWIN, 1972, p. 178.

⁸ WIERSBE, 2009, p. 589.

⁹ BALDWIN, 1972, p. 178.

¹⁰ DILLARD, 2003, p. 418.

sem dúvida alguma contribuíram para a adoração monótona e sem vida prestada pelo povo.¹¹

Era uma época também de grande mistura com povos pagãos. Estrangeiros não convertidos tinham sido recebidos na comunidade, os casamentos mistos e os divórcios prevaleciam. O povo estava esperando que Deus o recompensasse pelo seu desempenho religioso e desconsiderasse sua infidelidade.¹²

2.4 Características literárias

O livro foi composto em prosa, usando diálogo profético. Nesta série de diálogos, cada um começa com “mas vós dizeis”. A maioria dos 55 versículos está na primeira pessoa, sendo que o próprio Senhor se dirige ao seu povo. Isso oferece a oportunidade de um encontro pessoal com o Senhor repleto de vivacidade.

3. TEXTO E TRADUÇÃO

6 בן יְכַבֵּד אֶב וְעַבַד אֲדַנְיוּ וְאִם אָב אֲנִי אִיָּה כְבוֹדִי וְאִם אֲדוֹנִים אֲנִי אִיָּה מוֹרְאֵי אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת לְכֶם הִכְהַנִּים בּוֹזֵי שְׁמִי וְאִמְרַתְּסֶבְמָה בְּיִנְיֹאת שְׁמֶדָּךְ
Filho honrará (mesmo) o pai; e servo o seu senhor. E se eu Pai, onde a honra de mim? E se eu Senhor, onde o temor de mim? Diz o Yahwéh do exército. Para vós os sacerdotes: estais desprezando o nome de mim e dissestes: em que nós desprezamos o nome de ti?

7 מְגִישִׁים אֶל מִזְבְּחֵי לֶחֶם מְגָאֵל וְאִמְרַתְּם בְּמָה גֵּאֲלֵנוּד בְּאִמְרַכֶּם שְׁלַחַן יְהוָה נִבְזָה הוּא

Estais oferecendo sobre o altar de mim pão tornado impuro, e vós dissestes: em que nós o tornamos impuro? Como dizendo: a mesa de Yahwéh é desprezível.

8 וְכִי תִגְשׁוּן עוֹר לְזִבְחַן אֵין רַע וְכִי תִגְשׁוּן פֶּסֶחַ וְחֻלָּה אֵין רַע הִקְרִיבֵהוּ נָא לְפָתַחְתָּךְ הִירְצֵדָּךְ אוֹ הִישָׂא פְּנֵיךָ אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת

E quando vós fareis apresentar para sacrificar um cego, não há mal. E quando vós fareis apresentar um manco, e está adoecido, não há mal. Apresentai agora para o governador de ti! Ele terá agrado de ti? Ou, será exaltado a face de ti? Diz o Yahwéh do exército.

9 וְעַתָּה הִלּוּ נָא פְּנֵי אֵל וַיִּתְנַנּוּ מִיְדְּכֶם הִיָּתָה זֹאת הִישָׂא מַכֶּם פְּנֵים אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת

E agora adulai na presença de Deus, e será misericordioso de

¹¹ BALDWIN, 1972, p. 176.

¹² WIERSBE, 2009, p. 591.

nós. Mas a mão de vós tinha este, será exaltado de vós pessoa? diz Yahwéh do exército.

10 מִי גַם בְּכֶם וַיִּסְגֹּר דְלֵתַיִם וְלֹא תֵאֲרִיזוּ מִזְבְּחֵי הָנֶסֶם אֲזַי לִי חֲפֵץ בְּכֶם
אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת וּמְנַהֵה לֹא אֶרְצֶה מִיְדַכֶּם

Mas quem em vós fechará portas e não poreis fogo em vão o altar de mim. Não há de mim agrado em vós, diz o Yahwéh do exército. E eu não terei agrado e oferta de mão de vós.

11 כִּי מִמְזֻרְחַ שְׁמֶשׁ וְעַד מְבוֹאוֹ גְדוֹל שְׁמֵי בְּגוֹיִם וּבְכֹל מְקוֹם מְקַטֵּר מְגִשׁ
לְשֵׁמִי וּמְנַהֵה שְׁהוֹרָה כִּי גְדוֹל שְׁמֵי בְּגוֹיִם אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת

Pois de nascer do sol e até poente, grande nome de mim em nações, e em todo lugar é oferecido sacrifício para nome de mim e porção genuína, pois grande o nome de mim em nações, diz Yahwéh de exército.

12 וְאַתֶּם מְהַלְלִים אוֹתוֹ בְּאַמְרֵיכֶם שְׁלַחַן אֲדֹנָי מְגָאֵל הוּא וְנִיבוּ נְבוּזָה אֲכָלוּ
E vós estais zombando na presença de ele, em dizendo vós: a mesa de sacrifícios de Deus é impura e o fruto, alimento de ela é desprezível.

13 הֲנֵה מִתְלַאֵה וְהִפְחַתְתָּ אוֹתוֹ אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת וְהִבַּאתָם גְּזוּל וְאֵת הַפֶּסֶחַ
וְאֵת הַחוּלָה וְאַמַּרְתֶּם וְהִבַּאתָם אֵת הַמְּנַהֵה הָאֶרֶץ אֹתָהּ מִיְדַכֶּם אָמַר יְהוָה
E vós falais ainda de dificuldade! E vós fizestes enfurecer, diz Yahwéh de exército. E vós fizestes trazer é roubado, e o está manco e o está adoecido, e vós fizestes ofertar o sacrifício. Eu o aceitarei a ele de mão de vós? Diz o Yahwéh.

14 וְאִרְזוּר נוֹכַל וְיֵשׁ בְּעֵדְרוֹ זָכַר וְנָדָר וְזָבַח מְשַׁחַת לְאֲדֹנָי כִּי מֶלֶךְ גְּדוֹל אָנִי
אָמַר יְהוָה צְבָאוֹת וְשֵׁמִי נוֹרָא בְּנֹיִם¹³

E será amaldiçoado o que age enganosamente e há em rebanho de ele macho, e faz um voto e é imolado para um sacrifício um é defeituoso para o Senhor. Pois eu rei grande, diz Yahwéh de exército e nome de mim é temido em nações.

(Obs.: devido ao contexto, alguns verbos com waw consecutivo não foram trocados no que se refere ao tempo em que ocorrem as ações).

4. ANÁLISE LÉXICA

4.1 שָׁם (nome)

Este substantivo aparece 864 vezes no Antigo Testamento e deriva, provavelmente, da raiz árabe *wšm*, que significa “assinalar”, “marcar a ferro quente”, expressando desta forma um sinal externo que difere uma pessoa da outra.

¹³ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Antigo Testamento poliglota: hebraico, grego, português e inglês. São Paulo: SBB, 2003, p. 1918.

No Antigo Testamento o conceito de nomes pessoais frequentemente incluía as ideias de existência, caráter e reputação. Apagar o nome representava aniquilar a pessoa. Já a escolha do nome representava a expectativa dos pais quanto aos seus filhos.

Em algumas passagens *shēm Yahweh* está tão intimamente ligado ao ser de Deus que funciona quase como uma aparição de *Yahweh*. O nome de Deus significa a total autorrevelação de Deus em sua santidade e verdade. Pode-se “andar” no nome do Senhor, ou seja, as pessoas devem viver de acordo com o ensino desse nome.¹⁴

O substantivo “nome” refere-se também às implicações referentes a este nome, como autoridade, caráter, hierarquia, majestade, poder, excelência, ou seja, tudo o que este nome abrange. Quando se fala do nome de Deus, refere-se a tudo o que Deus é, aos Seus atributos.¹⁵

Cabe ressaltar que os nomes, entre o povo judeu, eram formados de palavras que tinham seu próprio significado. Assim, as pessoas da Bíblia davam muita importância ao significado dos nomes. Eles acreditavam que havia uma ligação vital entre o nome e a pessoa identificada por ele. A mudança de nome representava uma transição na vida da pessoa que era submetida a esta troca. No que se refere a Deus, conhecer Seu nome representava conhecer ao próprio Deus.¹⁶

4.2 מִזְבֵּחַ (altar)

Lugar de sacrifícios. Aparece 401 vezes no Antigo Testamento. O altar poderia ser construído por diversos materiais como também poderia ser usado para diferentes tipos de ofertas.

De forma simples, pode ser chamado de mesa feita de madeira, terra ou pedras, sobre a qual se ofereciam os sacrifícios (Êx 27.1; 20.24; Dt 27.5). Os altares de madeira eram revestidos de algum metal. Os sacrifícios podiam ser de animais ou a queima de incenso (aroma agradável) diante de Deus (Êxodo 30.1-10). O sacrifício de animais era usado como forma de perdão para os pecados. A prática era conhecida no velho Oriente Médio. Os vizinhos de Israel, os cananitas, tinham seus próprios altares e cerimônias. O altar ficava sempre num lugar elevado.¹⁷

¹⁴ KAISER, W. C. Nome. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1578-1579.

¹⁵ VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE, William Jr. *Dicionário Vine*. Tradução de Luís Aron de Macedo. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 819-820.

¹⁶ DICIONÁRIO ilustrado da Bíblia. Tradução de Lucília Marques Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 1030-1031.

¹⁷ ILÚMINA Gold. São Paulo: SBB, 2003. 4 CD-ROMs.

4.3 כְּבֹד (honra)

Esse termo ocorre 376 vezes na Bíblia hebraica. Geralmente tem uma conotação negativa, tendo o sentido de “peso” ou “tornar pesado”, mas é também muitas vezes usado no sentido figurado, tendo em si a ideia de algo “honroso, honrado, glorioso, glorificado”. O termo faz resplandecer a reputação da pessoa. Quem tinha uma boa reputação era digno de receber *kābēd*. Feitos heroicos também são merecedores desta honra.

Ao se referir a Deus, o termo destaca com muita legitimidade a reputação de grandeza que apenas Deus merece, não só por causa de sua posição natural como rei, mas por causa da sua inigualável atividade como libertador e salvador. O termo também indica a presença do próprio Deus.¹⁸ Honrar a Deus é prestar-lhe reverência, pois somente Deus é digno da mais alta honra.¹⁹

4.4 זָבַח (sacrifício)

Termo ligado às ofertas e aos holocaustos.

O povo de Israel fazia ofertas e sacrifícios a Deus regularmente, assim como os cristãos hoje em dia tomam a comunhão na igreja, dão ofertas e oram. Os Israelitas entregavam a Deus ofertas e sacrifícios para restabelecer um relacionamento com Deus. Eles faziam isso numa época específica do ano, como na lua nova e na colheita. Eles também faziam quando um voto era quebrado ou quando uma pessoa era julgada suja por causa de um problema médico. Alguns sacrifícios e ofertas eram feitos para comemorar alguns tempos-chaves na história de Israel, como por exemplo a páscoa. As regras quanto a ofertas e sacrifícios eram bem detalhadas e Deus esperava que os israelitas as seguissem minuciosamente. A ordem detalhada dos sacrifícios ilustra a ideia no Velho Testamento de como Deus poderia ser abordado. Primeiro, tinha que ser feito uma expiação pelo pecado e depois a pessoa fazendo o sacrifício tinha que ser consagrada. Quando essas condições tinham sido alcançadas, a pessoa fazendo a oferta poderia expressar a sua devoção contínua com mais ofertas queimadas e ele também poderia fazer parte nos sacrifícios em comunhão aonde ele mesmo ganhava uma grande parte do animal morto para dividir com seus amigos (Deuteronômio 12:17-19).²⁰

¹⁸ OSWALD, J. N. Honra. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 695-698.

¹⁹ DICIONÁRIO, 2004, p. 670-671.

²⁰ ILÚMINA, 2003, CD-ROM.

O sacrifício no Antigo Testamento reflete três ideias principais: consagração, expiação (o cobrir pecados) e propiciação (o aplacar da ira divina). Um dos principais sentidos do termo sacrifício é “que é trazido para perto”. O termo em si designa tudo o que é dado e devotado a Deus.²¹

4.5 כֹּהֵן (sacerdote)

Em seu uso primitivo traz a ideia de “servir como ministro”. De forma geral, em todo o Antigo Testamento, o termo designa a pessoa que é o “ministro das coisas sagradas, especialmente os sacrifícios”.²²

A sua função era regulamentar os sacrifícios e dar respostas a quem vinha consultar a Deus. Ele era o intermediário entre Deus e o povo. Era ungido com óleo, o que representava a sua entrega completa a Deus. Por ser uma pessoa sacra, o sacerdote deveria observar inúmeras prescrições, visando conservar o caráter. Repetidas purificações, não apresentar defeito físico, não cortar a barba e não tocar num cadáver eram algumas destas restrições.

O sacerdote deveria ser um exemplo de pureza diante do povo. Santidade era o seu alvo principal, pois servia a um Deus santo.²³

5. ANÁLISE TEOLÓGICA

5.1 Identificação com outras passagens

Deus fala por meio do profeta lembrando um costume muito comum no povo de Israel: *Os filhos de fato honravam seus pais*. Havia até mesmo um mandamento que punia com pena de morte o filho que amaldiçoava seus pais (Lv 20.9).²⁴ Ao se observar a história do povo judeu percebe-se claramente que eles cumpriam à risca este mandamento. Pena que isso só era realidade no âmbito familiar. Esqueciam-se de honrar a Deus, que também era o seu Pai.

Deus também exigiu sempre do povo o devido temor (Dt 31.12), que era representado pelo cumprimento das Suas Leis. As Leis sobre os sacrifícios eram claras

²¹ WOLF, H. Sacrifício. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1266-1268.

²² PAYNE, J. B. Sacerdote. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 704-705.

²³ ALLMEN, Jean-Jaques Von. *Vocabulário bíblico*. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 516-517.

²⁴ HARRISON, Ronald K. *Levítico: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983. p. 190.

e deveriam ser obedecidas, o que não estava acontecendo neste contexto.²⁵

Os sacerdotes deveriam viver de forma exemplar, mas estavam transgredindo a lei que deveriam viver e ensinar. O texto traz várias vezes a expressão “o meu nome”, referindo-se ao caráter e à reputação de Deus, o qual deveriam honrar - mas estavam fazendo o contrário.

Os animais apresentados deveriam ser sem defeito algum (Lv 1.3; Dt 15.21; Êx 12.5). Porém, os sacerdotes - que deveriam ser santos em todos os aspectos (Lv 21.5-6) sobretudo no seu ofício sacerdotal - estavam agindo com negligência, como que querendo enganar a Deus. Os sacrifícios apresentados eram completamente inadequados para a ocasião. O sacrifício de animais defeituosos era algo inaceitável (Dt 15.19-23; Lv 22.17-33).²⁶

Como se não bastasse, os sacerdotes estavam permitindo que os ofertantes trapaceassem em seus votos, oferecendo algo inferior ao prometido. A Lei era clara quanto a este aspecto: fazer um voto não era obrigatório; agora, quando feito, precisava ser cumprido (Lv 27; Nm 30; Dt 23.21-23).

Os sacerdotes também estavam desonrando a Deus pelo fato de não estarem dando o devido valor ao seu ofício sacerdotal. Viam a sua função como algo enfadonho, quando era na verdade uma função de enorme responsabilidade e privilégio diante de Deus.

5.2 Tema central da passagem

A perícopes em questão enfatiza o sistema sacrificial, relacionado diretamente com o tema expiação. Por expiação entende-se que representa “o perdão dos pecados daqueles que se arrependem deles e os confessam, acompanhado de reconciliação com Deus, através do sacrifício de uma vítima inocente. No AT a vítima era um animal, figura e símbolo do Cristo crucificado (Lv 1 - 7; Hb 9.19-28).”²⁷

6. RESUMO

Malaquias foi um profeta que viveu entre 500-460 a.C. e que profetizou para os judeus em Jerusalém no período pós-exílico. Seu nome significa “meu anjo” ou “meu mensageiro”. Sua tarefa foi confrontar o povo com os seus pecados e restaurar seu

²⁵ THOMPSON, J. A. *Deuterônômio: introdução e comentário*. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982. p. 278-279.

²⁶ HARRISON, 1983, p. 38-40, 192-200.

²⁷ ILÚMINA, 2003, CD-ROM.

relacionamento com Deus, por isso repreendeu o povo por sua negligência quanto ao verdadeiro culto ao Senhor, e chamou-os ao arrependimento.

Cerca de 100 anos haviam se passado desde o retorno dos judeus à Palestina. A cidade de Jerusalém e o segundo templo haviam sido construídos, mas o entusiasmo inicial desaparecera. O povo e os sacerdotes haviam se desviado e transformado sua obediência à Lei em algo mecânico e rotineiro. Embora relapsos em sua adoração e negligentes quanto ao seu dízimo, não conseguiam entender por que Deus estava insatisfeito com eles. A monotonia imposta pelo próprio povo os afastou de Deus.

Ao mesmo tempo, viviam em um período de espera. Parecia que nada estava acontecendo e que Deus havia se esquecido de seu povo. O templo estava reconstruído, mas nada de extraordinário havia acontecido para indicar que a presença de Deus tinha voltado para preenchê-lo. O tempo dos milagres havia passado. Estes fatores sem dúvida alguma contribuíram para a adoração monótona e sem vida prestada pelo povo.

Olhavam para frente sem esperanças, mas se esqueceram de seu rico passado. Deus havia trazido seu povo de volta a sua terra, tratando-o com amor, mas estas lembranças permaneciam longe de suas mentes. As provas do amor de Deus não são apenas atos no presente, mas são também seus feitos no passado.²⁸

Era uma época também de grande mistura com povos pagãos. Estrangeiros não convertidos tinham sido recebidos na comunidade, os casamentos mistos e os divórcios prevaleciam. O povo de Deus se contaminou com o mundo,²⁹ mas estava esperando que Deus o recompensasse pelo seu desempenho religioso e desconsiderasse sua infidelidade. É neste contexto que Deus fala por meio do profeta:

“O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? - diz o SENHOR dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome. Vós dizeis: Em que desprezamos nós o teu nome?” (Ml 1.6)

Deus lembrou um costume muito comum no povo de Israel: *Os filhos de fato honravam seus pais.* Deus enfatiza a honra dada pelos filhos a seus pais, que era algo que ocorria de fato, sem sombra de dúvida. Havia até mesmo um mandamento que punia com pena de morte o filho que amaldiçoava seus pais (Lv 20.9). Ao se observar a história do povo judeu percebe-se claramente que eles cumpriam à risca este mandamento. Pena que isso só era realidade no âmbito familiar. Esqueciam-se de honrar a Deus, que também era o seu Pai.

²⁸ LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus.* São Paulo: Hagnos, 2006. p. 34.

²⁹ WIERSBE, 2009, p. 590.

Honrar é fazer resplandecer a reputação da pessoa, é destacar com muita legitimidade a reputação de grandeza que apenas Deus merece, não só por causa de sua posição natural como rei, mas por causa da sua inigualável atividade como libertador e salvador. Honrar a Deus é prestar-lhe reverência. Era isso que Deus esperava dos sacerdotes, mas não estava recebendo.

A atitude dos sacerdotes era vista como uma forma de desprezo ao nome de Deus. Eles eram os intermediários entre Deus e o povo e responsáveis pela regulamentação dos sacrifícios, com uma vida inteiramente devotada a Deus e, por isso, deveriam ser um exemplo de pureza diante do povo. Desprezar o nome de Deus é desprezar o próprio Deus. Para os israelitas o nome está tão intimamente ligado ao ser de Deus que funciona quase como uma aparição de Yahweh. O nome de Deus significa a total autorrevelação de Deus em sua santidade e verdade. Havia uma ligação vital entre o nome e a pessoa identificada por ele. Conhecer o nome de Deus representava conhecer o próprio Deus. Desprezar Seu nome era desprezá-lo.

Fica evidente que os sacerdotes haviam se tornado meros profissionais do culto. Não agiam com a intimidade de filhos, nem mesmo de servos, porque faziam as coisas como bem entendiam. O culto nada mais era do que um compromisso em sua agenda que seria realizado o mais breve possível, e com seu questionamento percebe-se ainda mais seu afastamento de Deus: estavam tão longe que nem percebiam o quanto estavam errados.³⁰

“Ofereceis sobre o meu altar pão imundo e ainda perguntais: Em que te havemos profanado? Nisto, que pensais: A mesa do SENHOR é desprezível” (Ml 1.7)

O altar tem lugar de destaque no culto israelita, pois era uma mesa feita de madeira, terra ou pedras, sobre a qual se ofereciam os sacrifícios de animais como forma de obter o perdão dos pecados. Estar diante do altar representava estar diante de Deus.

Diante de Deus os sacerdotes estavam oferecendo alimento impróprio (pão), e isso não apenas uma vez, mas muitas e repetidas vezes, quando Deus havia claramente dito que o que Ele queria receber era somente o melhor, o que não tinha defeitos, pois qualquer coisa que tivesse alguma imperfeição e fosse colocada sobre o altar era inaceitável (Dt 15.19-23; Lv 22.17-33).

Como se não bastasse, não estavam reconhecendo seu erro, e se perguntavam: O que estamos fazendo de errado? Mas Deus diz claramente que pelas suas atitudes estavam afirmando que a mesa do Senhor era algo desprezível, ou seja, estar diante de

³⁰ LOPES, 2006, p. 34-36.

Deus era para eles algo sem valor algum. Suas ofertas refletiam seu caráter: pessoas distantes de Deus.³¹

Permitiam que o povo trouxesse algo que estava aquém e ainda ofereciam como se não tivesse problema nenhum. Deus não espera nada que seja menos do que o melhor que o ser humano pode Lhe oferecer.³²

“Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal? Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? - diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 1.8)

Aqui Deus vai direto ao ponto: Seu desagrado era com os sacrifícios apresentados. O povo de Israel fazia ofertas e sacrifícios a Deus regularmente, assim como os cristãos hoje em dia tomam a comunhão na igreja, dão ofertas e oram. Os israelitas entregavam a Deus ofertas e sacrifícios para restabelecer o relacionamento com ele. Eles faziam isso numa época específica do ano, como na lua nova e na colheita; quando um voto era quebrado ou quando uma pessoa era julgada suja por causa de um problema médico. Alguns sacrifícios e ofertas eram feitos para comemorar alguns tempos-chaves na história de Israel, como, por exemplo, a Páscoa.

As regras quanto a ofertas e sacrifícios eram bem detalhadas e Deus esperava que os israelitas as seguissem minuciosamente. A ordem detalhada dos sacrifícios ilustra a ideia no Velho Testamento de como Deus poderia ser abordado. Primeiro, tinha que ser feita uma expiação pelo pecado e depois a pessoa que fazia o sacrifício tinha que ser consagrada. Quando essas condições tinham sido alcançadas, o ofertante poderia expressar a sua devoção contínua com mais ofertas queimadas e ele também poderia fazer parte nos sacrifícios em comunhão aonde ele mesmo ganhava uma grande parte do animal morto para dividir com seus amigos (Deuteronômio 12.17-19).

O sacrifício no Antigo Testamento reflete três ideias principais: consagração, expiação (o cobrir pecados) e propiciação (o aplacar da ira divina). Um dos principais sentidos do termo sacrifício é “que é trazido para perto”. O termo em si designa tudo o que é dado e devotado a Deus.

Mas eles não estavam vendo problema algum em apresentar o mínimo diante de Deus. Diante disso, em tom irônico, Deus ordena que apresentem estas ofertas diante do rei para ver o resultado. A lei determinava que o rei tinha também direito ao melhor (1Sm 8.10-17) e, sem dúvida alguma, veria com maus olhos ou como uma ofensa a apresentação de algo defeituoso. Não há nenhum indício de que em algum momento

³¹ WIERSBE, 2009, p. 594.

³² LOPES, 2006, p. 38-40.

algum rei de Israel tenha recebido algo que fosse tão desprezível. Eles estavam preocupados em agradar aos homens e realizar as suas vontades, não mais as de Deus.³³

“Agora, pois, suplicai o favor de Deus, que nos conceda a sua graça; mas, com tais ofertas nas vossas mãos, aceitará ele a vossa pessoa? - diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 1.9)

Diante da sua conduta, Deus diz que O adulem (enaltecer com exagero visando à obtenção de favores) com intensidade e repetidas vezes, para de alguma forma obter o favor de Deus. Mas novamente Deus se volta ao que faziam, olhando para o que as suas mãos apresentavam e diz: “Como posso aceitar vocês desta forma?”.

A ordenança era clara: somente a oferta sem defeito era aceita por Deus (Lv 22.20). Quando Deus não aceitava a oferta, estava também rejeitando o ofertante. A obediência à Palavra de Deus é que tornava a pessoa aceitável. Se não fosse, não adiantaria suplicar, Ele não o atenderia. Nem adiantaria sacrificar. Seria tudo inútil se a pessoa não mudasse seu modo de viver (1Sm 15.22). O sacrifício precisava demonstrar o que a pessoa estava vivendo! Reclamavam da falta do agir de Deus; agiam como pessoas que não queriam o agir de Deus.

“Tomara houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis, de balde, o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós, diz o SENHOR dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oferta” (Ml 1.10)

Deus esperava que houvesse pelo menos um sensato no meio dos sacerdotes, o qual finalmente acabaria com este ato de pura hipocrisia. Neste momento era melhor fechar as portas do templo do que continuar agindo de maneira tão errada. Estavam agindo inutilmente.

Deus não estava se agradando disso, ao ponto de dizer que não sentia prazer neles. O sentido básico desta expressão é sentir grande insatisfação com alguma coisa. O termo traz em si a ideia de que o objeto busca aprovação mediante suas próprias qualidades intrínsecas. Esta explicação do termo ressalta o porquê de Deus não ter mais prazer em Seu povo: sua forma de agir não condizia com o que havia em seu coração, e diante disso, Deus prefere que não façam nada. É preferível não ter religião alguma a ter uma religião que não dá a Deus o que há de melhor. Se o conceito que o ser humano tem sobre Deus é tão baixo a ponto de pensar que Ele se agrada com uma adoração indiferente, é porque não se conhece verdadeiramente o Deus da Bíblia. Na verdade, um Deus que nos incentiva a fazermos menos que o nosso melhor não é um Deus digno da nossa adoração.

³³ LOPES, 2006, p. 40-41.

Interessante destacar que a atitude que Deus espera destes sacerdotes que tinham suas vidas longe do Senhor era fechar as portas do Templo. Sem uma vida consagrada, fazer algo é inútil porque Deus está mais interessado no que o ser humano é do que naquilo que o ser humano faz. Eles faziam para Deus sem ser de Deus, e isso precisava parar.

“Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 1.11)

Novamente Deus faz menção ao Seu Nome, que representa o próprio Ser de Deus. Deus é grande em todos os lugares, em todo o mundo e tudo o que existe pertence a Ele. O salmista afirma: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24.1).

Interessante notar que Deus destaca que o que é oferecido em toda terra é melhor do que aquilo que os Seus sacerdotes e o Seu povo estavam apresentando. Deus diz que o que as nações apresentam é uma porção genuína, limpa, pura.

Este versículo é uma mensagem profética em alusão ao futuro: até mesmo os gentios passaram a experimentar a salvação do Senhor, e desta forma também se tornaram Seus adoradores por meio do sacrifício perfeito e puro de Jesus (Is 2.2; 11.3-9 e 45.22-25).³⁴

“Mas vós o profanais, quando dizeis: A mesa do SENHOR é imunda, e o que nela se oferece, isto é, a sua comida, é desprezível” (Ml 1.12)

A atitude dos sacerdotes era vista como uma zombaria por Deus. Esta lamentável cena não havia ocorrido apenas uma vez, mas já havia se repetido constantemente. Novamente se faz alusão à mesa do Senhor, o que representa estar diante de Deus. É como se os sacerdotes estivessem zombando da face de Deus na Sua presença.

A mesa do Senhor jamais fora imunda, mas os sacerdotes estavam agindo como se fosse. Eles estavam desobedecendo à própria lei tornando poluída a mesa do Senhor com sacrifícios inaceitáveis.

“E dizeis ainda: Que canseira! E me desprezais, diz o SENHOR dos Exércitos; vós ofereceis o dilacerado, e o coxo, e o enfermo; assim fazeis a oferta. Aceitaria eu isso da vossa mão? - diz o SENHOR” (Ml 1.13)

Como se não bastasse, os sacerdotes estavam desprezando o privilégio de ser sacerdotes. Não estavam dando o devido valor à elevada vocação que Deus havia

³⁴ BALDWIN, 1972, p. 190-192.

lhes dado e tratavam o ministério do templo com descaso. Para eles, servir no altar era um trabalho e não um ministério, e faziam-no para satisfazer a si próprios e não para agradar e glorificar o Senhor. A sua conduta apontava para este fato, pois se glorificassem a Deus de verdade não deixariam que o povo trouxesse ofertas como as que estavam trazendo, e mesmo se trouxessem, eles não as apresentariam.

Além de falhar, estavam incentivando o povo todo a falhar. Quem dentre o povo se preocuparia em ofertar o melhor se pudesse substituí-lo por outro qualquer? Sem dúvida alguma, aos poucos todos se tornariam adeptos desta ideia.³⁵

“Pois maldito seja o enganador, que, tendo um animal sadio no seu rebanho, promete e oferece ao SENHOR um defeituoso; porque eu sou grande Rei, diz o SENHOR dos Exércitos, o meu nome é terrível entre as nações” (Ml 1.14)

Neste momento Deus adverte o povo e os sacerdotes sobre as consequências de seus atos: trariam a Sua maldição sobre eles próprios. Na verdade esta maldição já estava acontecendo. Ao se olhar para os capítulos seguintes do livro de Malaquias percebe-se que as plantações estavam sendo destruídas. Deus não deixa impune o pecador.

Cabe ressaltar que a Lei era clara quando aos votos: fazer um voto não era obrigatório; agora, quando feito, precisava ser cumprido (Lv 27; Nm 30; Dt 23.21-23). O voto era realizado para que a pessoa conseguisse de Deus um determinado favor, e, por isso, não eram feitos com a promessa de algo pequeno, mínimo: incluíam sempre o melhor.

Deus conclui ressaltando o Seu grande reinado, que abrange o mundo todo, e afirmando que o mundo todo O teme, menos o Seu próprio povo. Deus não abriria mão de Sua posição e, portanto, exigiria tudo conforme havia ordenado. Ele não se submete a migalhas. Que enorme contraste e que ironia! Deus sempre exigiu do povo o devido temor (Dt 31.12), que era representado pelo cumprimento das Suas Leis. As Leis sobre os sacrifícios eram claras e deviam ser obedecidas, o que não estava acontecendo neste contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente no texto que a obrigatoriedade do culto está primeiramente relacionada à sua forma para só depois estar ligada à sua execução. De nada adianta realizar cultos dominicais ou até mesmo diários se Deus não se agrada dos mesmos.

³⁵ WIERSBE, 2009, p. 594.

Acomodação, mesmice espiritual e cultural, líderes e condutores do culto com uma vida distante de Deus, mundanismo, falta de visão dos atos de Deus e péssima memória são fatores-chave para que o culto fuja dos padrões de Deus e se torne uma simples repetição humana. Neste caso, Deus é claro e direto: é melhor fechar as portas da igreja do que realizar cultos que não são mais do que mera repetição de uma rotina, sem vida e sem o coração dos adoradores presente no ato.

Se for para cultivar apenas porque sempre se fez assim, não é preciso cultivar! Se não for com o melhor daquilo que o ser humano possui (e Deus sabe tudo o que entregou ao ser humano) o pouco apresentado gerará efeito contrário: é uma ofensa a Deus, como se Ele fosse menos importante, até porque no dia a dia, nas funções diárias, geralmente o ser humano empenha o melhor de si. Talvez esteja na hora de fecharmos as portas de nossas igrejas em alguns domingos.

REFERÊNCIAS

ALLMEN, Jean-Jaques Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. 621 p.

BALDWIN, Joyce G. **Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1972. 212 p.

DICIONÁRIO ilustrado da Bíblia. Trad. Lucília Marques Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.

DILLARD, Raymond. B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2003. 473 p.

HARRISON, Ronald K. **Levítico: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983. 232 p.

ILÚMINA Gold. São Paulo: SBB, 2003. 4 CD-ROMs.

KAISER, W. C. Nome. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo:

Vida Nova, 1998. p. 1578-1579.

LOPES, Hernandes Dias. **Malaquias: a igreja no tribunal de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2006. 131 p.

OSWALD, J. N. Honra. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 695-698.

PAYNE, J. B. Sacerdote. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 704-705.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Antigo Testamento poliglota: hebraico, grego, português e inglês**. São Paulo: SBB, 2003. 1924 p.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio: introdução e comentário**. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982. 306 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE, William Jr. **Dicionário Vine**. Tradução de Luís Aron de Macedo. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. 1115 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento: proféticos**. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2009. V. 4. 605 p.

WOLF, H. Sacrifício. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1266-1268.